

AS PEQUENAS VIRTUDES DO LAR

GEORGES CHEVROT

AS PEQUENAS VIRTUDES DO LAR

6ª edição

Tradução de
Henrique Elfes



QUADRANTE

Título original
Les petites vertus du foyer

Copyright © 1985 by M. Chevrot

Capa de
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Chevrot, Georges

As pequenas virtudes do lar / Georges Chevrot; tradução de Henrique Elfes. – 6ª ed. – São Paulo : Quadrante, 2015.

Título original: *Les petites vertus du Foyer*

ISBN: 978-85-54991-69-2

1. Virtudes 2. Cristianismo I. Título II. Série

CDD-242

Índice para catálogo sistemático:

1. Virtudes : Cristianismo 242

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

A PEQUENA VIRTUDE DA CORTESIA

Numa carta dirigida a Mme. de Chantal, São Francisco de Sales escrevia: «Cortesia, pequena virtude, mas sinal de outra muito grande... E é necessário que nos exercitemos nas pequenas virtudes, sem as quais as grandes muitas vezes são falsas e enganosas».

Com efeito, é raro que alguém se extasie diante de uma pessoa discretamente afável e polida. No entanto, essa afabilidade e essa polidez supõem uma vigilância e um domínio de si mesmo pouco comuns.

Ora, há um certo número de pequenas virtudes que, à semelhança da cortesia, não provocam uma admiração ruidosa; mas, quando faltam, as relações entre os homens se tornam tensas, penosas e até tempestuosas, a ponto de terminarem às vezes em desastre. Estas «pequenas virtudes» são precisamente as que tornam aceitável e grata a nossa vida de todos os dias. E este é o motivo pelo qual quis dedicar estas páginas às pequenas virtudes dos lares cristãos.

À primeira vista, parece um propósito muito modesto. Talvez se estivesse à espera de um livro que tratasse das grandes verdades da religião. Porém, o lar – pois a ele se destinam estas considerações – não é lugar para discursos sábios e um pouco abstratos, mas para uma linguagem simultaneamente muito elevada e muito simples: a própria linguagem do Evangelho.

E a simplicidade não impedirá que o espírito acolha em ambiente de intimidade a visita do Senhor, cuja presença invisível santificará a vida de família.

* * *

Na verdade, não é entre as quatro paredes da sala em que a família se encontra que se deve observar a lei de Jesus Cristo?

Quanto a este ponto, haveria alguns erros que retificar em muitos espíritos.

Alguns imaginam que o único objeto da religião é garantir aos homens a felicidade no outro mundo. É verdade que Jesus Cristo nos fez essa promessa, e para que pudéssemos alcançá-la quis fazer parte da família humana; tomou a nossa carne e nos redimiu.

No entanto, esse dom prodigioso da felicidade eterna, que ultrapassa de longe as nossas forças e as nossas ambições, pressupõe a nossa fé, a nossa boa vontade, os nossos esforços sinceros, que são disposições que devemos cultivar desde já. Na realidade, temos somente

uma vida que, para além da morte, não terá fim. A nossa eternidade bem-aventurada começou no dia do nosso batismo. É aqui, na terra, que começamos o nosso céu, orando a Deus e observando os seus mandamentos. A religião não é somente um assunto que diga respeito à outra vida; tem a sua função, e muito importante, nesta vida. Deve reger a nossa vida presente.

Dizer «a nossa vida presente» é o mesmo que dizer a nossa vida real, a nossa vida cotidiana. Sobre este ponto, também, muitas pessoas se enganam, e às vezes até os bons cristãos. Separam artificialmente aquilo que chamam vida profana dos deveres de religião, que constituiriam apenas um breve parêntesis na vida de todos. Mesmo que, para a maioria dos homens, o tempo reservado à oração seja necessariamente muito curto, devido às suas muitas ocupações, não esqueçamos que vivemos todo o dia sob o olhar de Deus: devemos-lhe constantemente a homenagem da nossa obediência, que se traduz em oferecer-lhe explicitamente todas as nossas atividades. Falando com propriedade, a expressão «vida profana» não tem sentido para um cristão, pois toda a sua vida está consagrada a Deus, a quem deve honrar em todas as suas ações, mesmo nas mais triviais: *Quer comais, quer bebais* – escrevia São Paulo – *ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus* (1 Cor 10, 31).

Algumas pessoas se entristecem por não terem tem-

po para ir mais frequentemente à igreja; pela complexidade das suas responsabilidades profissionais e domésticas, não conseguem tempo para dirigir a Deus uma longa oração. Mas não sabemos que, embora curta, a nossa oração pode ser muito intensa? E por que procurar a Deus por um caminho em que Ele não nos espera? Deus marcou encontro conosco no lugar em que a sua providência nos colocou: é lá que o encontraremos com certeza, no meio das nossas obrigações cotidianas. Pensemos apenas em oferecer-lhe essas tarefas, cumprindo-as o melhor que possamos. Os nossos dias passam-se no lugar de trabalho ou no lar; e no caso da mãe de família, esses dois campos de ação se identificam, pois o seu trabalho mais importante é no lar. É aí que se devem praticar as virtudes cristãs.

É verdade que, às vezes, temos deveres muito graves a cumprir: cuidar de um enfermo, enfrentar uma situação material crítica, perdoar uma ofensa que nos faz sofrer; mas, via de regra, o cristão não se furta às virtudes difíceis, e a ocasião de praticá-las só se apresenta esporadicamente.

Em contrapartida, a vida familiar implica uma quantidade enorme de pequenos deveres, que muitas vezes negligenciamos por serem numerosos ou por não parecerem importantes. Mas são importantes, e este é o motivo por que merecem a nossa atenção.

Além disso, como sublinhava São Francisco de Sales, essas pequenas virtudes exigem uma grande virtu-

de, isto é, um grande amor, um amor que se deve manifestar nos menores detalhes. Ao propor-nos praticá-las, não andaremos à busca de uma perfeição de segunda classe, mas da divina virtude da caridade, da qual as pequenas virtudes do lar são como que as moedas de troco.

Estas reflexões preliminares faziam-se necessárias para que ficasse clara a finalidade das páginas que se seguem. Mais algumas palavras serão suficientes para apresentarmos a pequena virtude da cortesia.

* * *

É agradabilíssimo o lar em que todos se esforçam por ser corteses e acolhedores; os nossos ancestrais diziam «polidos».

Ser polido, como a própria palavra o indica, significa suavizarmos as asperezas do nosso carácter. Um objecto que não foi polido é qualificado como tosco, e este adjetivo, aplicado aos homens, nada tem de lisonjeiro. Mas acontece que a polidez é muitas vezes considerada como artigo de exportação. Somos corteses e afáveis com as pessoas de fora, mas, quando entramos em casa, não nos importamos com nada. Afinal de contas, não voltamos para casa para nos distendermos e descansar?

De acordo, desde que a mola, ao distender-se, não salte bruscamente e acabe por ferir alguém. Para des-

cansar, será indispensável levantarmos excessivamente a voz ou assumir ares carrancudos? Franzir as sobrancelhas ou «fechar a cara» não são sinais de uma verdadeira descontração, ao passo que o sorriso, as pequenas delicadezas e o antecipar-se aos desejos dos outros criam no lar uma atmosfera de repouso e de serenidade.

A cortesia não obriga somente os subordinados em relação aos superiores. *Cuidai de não desprezar nenhum destes pequeninos*, dizia o Senhor (Mt 18, 10-11). Cristo quer que respeitemos em qualquer homem a sua dupla dignidade de ser racional e de filho de Deus. Todo o homem, seja qual for a sua condição, tem direito à nossa consideração. E não é possível definir melhor a cortesia.

O lar de cada um será um lar cristão se nele todos rivalizarem em delicadezas uns para com os outros. Respeitemos os anciãos, cujos cabelos embranqueceram; tenhamos presente a fraqueza daqueles a quem devemos aconselhar ou repreender; levemos em conta a fadiga daqueles que se fecham demasiado em si mesmos. Extirpemos do nosso vocabulário e das nossas atitudes as rudezas que bloqueiam os profundos sentimentos de afeto que nutrimos habitualmente uns pelos outros.

Quereis esforçar-vos nisso ao longo desta semana? Eu vos prometo oito dias de felicidade.